

*Sujeito* é uma categoria teórica que diz respeito à identidade e à ação sócio-histórica de indivíduos, grupos, classes e povos. A idéia desenvolvida no conjunto desta revista é de tudo o que é humano, inclusive a ciência como processo histórico, passa pela ação do sujeito, uma vez que não existe conhecimento e transformação, a não ser como uma criação em que o observador e o observado se entrelaçam em comunhão ou estranhamento. Essa verdade aparentemente muito simples foi sempre um ponto polêmico no campo científico. Marcada fortemente pela ideologia positivista, a ciência moderna considera que seu papel é encontrar explicação cabal das leis da natureza e da sociedade, ambas olhadas como objeto externo a quem as investiga. Os cânones da ciência tradicional subentendem que o envolvimento do pesquisador e a interferência da consciência e das emoções dos pesquisados (sobretudo no caso das ciências sociais e humanas) introduzem ruídos inoportunos e confundidores em um labor que deveria ser eminentemente racional. A versão de uma ciência isenta de “humanidade” acabou por criar o mito da neutralidade e da objetividade como se fosse possível sair de um pântano puxando os próprios cabelos.

Este número de *Ciência e Saúde Coletiva*, que abre os volumes do século XXI, traz, para a reflexão dos leitores, a problemática do *sujeito* como questão essencial à práxis da saúde. Na verdade apresenta um tema recorrente, o que não quer dizer que seja suficientemente debatido. Ao contrário. Constitui novidade, por exemplo, o fato de que vários artigos aqui apresentados discutam a introdução desse assunto no âmbito do planejamento; que outros o apresentem a partir da reflexão da epidemiologia; que se questionem e se aprofundem os dilemas da “pessoa” dos estudantes médicos que se anula na prática de seu ofício; que se introduzam na revista alguns referenciais teórico-metodológicos novos para uma compreensão teórico-prática mais apropriada da vida e da morte; e que também, os profissionais da área mental e das ciências sociais voltem ao tema com novo alento. Mas, eu diria, tudo é ainda bastante tangencial porque *sujeito* e *subjetividade* ainda não são assunto relevante para a racionalidade hegemônica da área. Digo isso porque, a prática profissional do campo da saúde é muito pouco iluminada pelas reflexões sobre o tema (mesmo que insuficientes), já produzidas pelos investigadores do setor. Fundada numa ética positivista, a ciência médica, mãe e matriz de todo pensamento e ação das ciências da saúde, como prática teórica e social, não só tende a cortar os laços entre os sujeitos, mas, de forma naturalizada e em nome da racionalidade, fragmenta-o, divide-o, parcela-o, e o transforma em órgãos e funções.

No entanto e apesar da visão crítica que não posso deixar de expressar, acredito que desde o final do século XX o mundo científico (incluindo o da saúde) ficou mais permeável à discussão da temática em pauta e assim continuará; pelo menos é o que se pode prever no início do século XXI. Esse assunto que é do mundo da vida (e não só da teoria) faz parte das demandas cidadãs à ciência e à técnica, a partir de avanços de várias áreas de conhecimento e de uma profunda revisão histórica da ética positivista do período industrial moderno. Entendo, portanto que, este número temático de *Ciência & Saúde Coletiva*, mesmo contendo a imprescindível colaboração reflexiva e atenta de vários investigadores da área, apenas esboça a magnitude de assunto tão premente para a teoria e, sobretudo, para a prática dos profissionais, dos professores, pesquisadores e políticos do setor.

Maria Cecília de Souza Minayo

Editora

*Subject* is a theoretical category related to the identity and socio-historical action of individuals, groups, classes, and peoples. The idea developed in this journal is that everything that is human, including science, involves action by subjects. There is no knowledge or transformation except as a creation in which the observer and the observed participate. This apparently very simple truth has always been a controversial point in the field of science. Heavily marked by positivist ideology, modern science sees its role as finding explanations for the laws of nature and society, both viewed as objects external to those investigating them. Within this logic, it is taken for granted that both the researcher's involvement and interference by the conscience and emotions of the researched (especially in the case of the social and human sciences) introduce untimely noise in a task that is supposed to be eminently rational. The notion of a science exempt of "humanity" ended up creating the myth of neutrality, as if it were possible to pull one's self out of a swamp by one's own hair.

This issue of *Ciência e Saúde Coletiva*, the first of the 21<sup>st</sup> century, raises the question of subject as essential to praxis in health. In reality it is a recurrent theme, which does not mean that it has been sufficiently debated. For example, it is new that the various articles in the issue discuss the topic within the field of planning; that others approach it from an epidemiological perspective; that an in-depth look is taken at the "persona" of medical students in practicing their craft; that several new theoretical/methodological references are introduced for a more appropriate understanding of life and death; and that professionals from the mental health and social sciences fields take a fresh look at the topic. But all of this is still rather tangential, because the health field's hegemonic rationality still fails to view *subject* and *subjectivity* as a relevant topic. In reality, professional health practice is still scarcely illuminated by reflections on the theme. Based on its positivist ethic, medical science, the mother and matrix of all thinking and action in the health sciences, not only tends to cut the ties between subjects, but in a naturalized way in the name of rationality, it fragments and divides the subject, viewing it as organs and functions.

Despite this critical view, which I could not fail to express, I believe that since the late 20<sup>th</sup> century the scientific world (including that of health) has become more open to discussion on the theme of this journal's special issue. The topic, which belongs to the lifeworld (and not only to the world of theory) is part of citizen demands on science and technology, based on progress in various fields of knowledge and a profound historical review of positivist ethics from the modern industrial period. Thus, as I see it, this thematic issue of *Ciência & Saúde Coletiva*, while containing indispensable collaboration through the focused reflection of various researchers, barely outlines the magnitude of a topic so pressing for theory, and above all for the practice of health professionals.

Maria Cecília de Souza Minayo  
*Editor*